
EDITORIAL

O pensamento racional científico e os instrumentos conceituais e metodológicos que utilizamos para compreender/entender o mundo nunca deixarão de evoluir, de se transformar no decorrer da nossa história. Para que o desenvolvimento científico e tecnológico para que ela seja menos excludente, é necessário que se leve em conta os reais problemas da população, os riscos técnico-produtivos e a mudança social. Por isso, faz-se necessário ter uma visão interativa e contextualizada das relações entre ciência, tecnologia, e sociedade e, muito especialmente, nas políticas públicas mais adequadas para gerir as oportunidades e riscos que envolvem uma mudança tecnológica. A questão não é tanto se a ciência e a tecnologia são boas ou não, mas sim se podem melhorar e como dentro de um contexto sócio-ambiental harmônico. A interdisciplinaridade apresenta-se, assim, como resultado de uma necessidade epistemológica e de uma exigência da realidade contemporânea, o que se pode evidenciar no conjunto de textos que compõem a presente publicação da Interfaces Científicas – Saúde e Ambiente.

Neste número são apresentados estudos com temáticas relevantes diversos na interface Saúde e Ambiente, seja este último natural, social, político ou econômico. O organismo humano, inclusive enquanto o homem dorme, realiza funções extremamente importantes: fortalecimento do sistema imunológico, secreção e liberação de hormônios, consolidação da memória, entre outras. Porém, a falta de tempo de descanso provocada pelo corrido cotidiano urbano, aliada aos inúmeros distúrbios noturnos que atingem boa parte da população, prejudica o desempenho dessas funções. Em função disso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda sobre a qualidade do sono: a prática de atividades físicas e o cuidado com a duração/local do sono e com o stress. Para as Organizações mundiais, ainda, segurança hídrica é “assegurar o acesso sustentável à água de

qualidade, em quantidades adequadas à manutenção dos meios de vida, do bem-estar humano e do desenvolvimento socioeconômico; garantir proteção contra a poluição hídrica e desastres relacionados à água; preservar os ecossistemas em um clima de paz e estabilidade política”. Com a evolução do conhecimento médico e com os meios disponibilizados pela tecnologia tem-se observado um aumento significativo da expectativa de vida dos pacientes com deficiências ou condições crônicas de saúde, tais como o trauma raquimedular, submetidos a cirurgias ortopédicas ou com comprometimento pulmonar. Porém, as sequelas decorrentes desse trauma, assim como as dificuldades sociais, são realidades presentes na vida dessas pessoas e podem interferir em sua qualidade de vida.

O conhecimento etnofarmacológico é um saber alicerçado na vivência dos indivíduos, nas suas relações pessoais, sociais e com o ambiente. Pode-se afirmar que este conhecimento tradicional é o resultado da integração de uma população com o meio ambiente, em sua riqueza e diversidade, e suas descobertas, científicas ou empíricas. Novas formas de consumo de vegetais, tais como a utilização de Farinhas feitas de casca de fruta, fazem o organismo (intestino) funcionar melhor e ajudam numa dieta de emagrecimento, além de evitar o desperdício de alimentos. Para que esse objetivo seja alcançado, porém, é preciso seguir outros hábitos saudáveis, tais como dormir bem, hidratar-se e praticar atividade física. A utilização de plantas medicinais está presente desde os primórdios das civilizações, sendo que a Organização Mundial de Saúde (OMS), estima que aproximadamente 88% da população de países em desenvolvimento – como o Brasil – faz uso da medicina à base de extratos de plantas, a qual representa a única opção terapêutica para muitas comunidades.

Finalmente, estudos epidemiológicos das doenças bucais, tais como o fibroma ossificante, po-

dem proporcionar a elaboração de estratégias de tratamento e prevenção. A produção do cuidado traz consigo a proposta de humanização do processo de desenvolver ações e serviços de saúde em resposta às dores, angústias, problemas e aflições dos usuários com responsabilização e autonomia do indivíduo.

Agradecemos a contribuição de todos os autores dos artigos aqui publicados no âmbito aca-

dêmico e social, assim como a participação do Conselho Consultivo e Conselho Editorial na colaboração pela construção desta edição.

**Profa. Dra. Andressa Sales Coelho e
Profa. Dra. Cláudia Moura de Melo**
Editoras-Executivas da Revista Interfaces
Científicas – Saúde e Ambiente